



«Só neste País!»

É frequente ouvir a expressão do título quando alguém, resignadamente mas com veemência, denuncia uma situação que considera inadmissível. Está também subentendido nesta expressão que o nosso País não tem remédio pois é tão tacanho que «só neste País» alguém teria a desfaçatez de promover ou pactuar com tal situação.

Confesso que tal expressão me irrita solenemente. Não considero o meu País tacanho nem um caso desesperado. Claro que temos problemas, mas Portugal sempre teve problemas. Posso recordar Eça de Queirós: «Portugal tem atravessado crises igualmente más ... esta crise me parece a pior — e sem cura» (1891) ou Rómulo de Carvalho «A crise é uma doença permanente da humanidade» (1970).

Acho que o problema que afeta as pessoas está num ponto delicado: não fazem ideia do que se poderá fazer para sair da crise. Se fosse uma situação simples de resolver, a crise desapareceria rapidamente. O reconhecimento da complexidade da situação é o primeiro passo para se poder pensar nalguma solução, nem que seja apenas numa luzinha no fundo do túnel.

Penso que olhar para o que se passa à nossa volta na cena internacional será uma grande ajuda para percebermos melhor os nossos problemas e refletirmos sobre cada crise que atravessarmos. Sempre foi essa uma das minhas principais preocupações mas, depois de estar 6 anos no ICMI—Comissão Internacional para a Instrução Matemática, ainda fiquei mais firmemente convencido disso.

Vou dar um exemplo. Muita gente pensa que o ensino no Oriente é baseado em repetições sistemáticas, sem recurso à tecnologia, com muitos exames e que no final os alunos orientais podem dominar muitas técnicas mas não sabem sequer resolver problemas não rotineiros. Esta ideia é completamente errada. Em Singapura, o primeiro exame nacional aparece no final do 6º ano de escolaridade e desde 2009 que é obrigatório o uso de calculadora. Qual o objetivo? Para facilitar «o uso de abordagens mais exploratórias na aprendizagem de conceitos matemáticos». Sendo Singapura um país tão bem classificado nos estudos internacionais, dá que pensar, não dá? E se...

A Coreia do Sul foi o país mais bem classificado no último estudo do PISA. Qual a razão? Há muitas, desde a organização das escolas à formação de professores, passando por revisões curriculares feitas de 5 em 5 anos com a liderança de um grande instituo a trabalhar para o desenvolvimento curricular e a análise e avaliação do sistema educativo, o KICE (Korea Institute for Curriculum and Evaluation). A Matemática ocupa um lugar importante no curriculum coreano, contribuindo para atingir vários objetivos como «cultivar a capacidade de pensar e comunicar matematicamente de modo a investigar matematicamente fenómenos e problemas diversos para obter soluções práticas». Dá que pensar não dá?

A minha opinião é: nunca percam uma oportunidade de observar o que se passa num país ou região. Não dará para imitar, obviamente, mas ajuda a perceber o que outros fizeram, como resolveram certos problemas, que problemas ainda têm (todos os países têm problemas!) e, sobretudo, dá-nos ângulos diferentes para pensar em questões que também nos afligem.

Recusemos o que Eça de Queirós já identificava em 1845: «A nossa pobreza relativa é atribuída a este hábito político e social de depender para tudo do Governo, e de volver constantemente as mãos e os olhos para ele como para uma Providência sempre presente». Tomemos iniciativas, pensemos pela nossa própria cabeça, matutemos permanentemente em ideias para possíveis soluções (dando uma espreitadela em outras realidades) e não desistamos enquanto não conseguirmos avançar significativamente.

Vamos lá melhorar «este País!»

Jaime Carvalho e Silva

Departamento de Matemática da FCTUC

